



Um lugar memória para uma história de Feira de Santana e região denominada sertaneja: a proposta do Museu Casa do Sertão 1977/1978

JACSON LOPES CALDAS¹

A fundação do Museu Casa do Sertão em 30 de junho de 1978 na cidade de Feira de Santana evidenciou uma disputa intelectual pela preservação de uma memória de “*cultura popular de identidade sertaneja*”. O museu, instalado na recente Fundação Universidade de Feira de Santana teria por objetivo principal guardar em suas prateleiras, objetos de usos e costumes tradicionais, ao tempo que novidades comerciais e tecnológicas circulavam a área urbana da cidade e anunciavam o novo enquanto ensejo político, social e econômico.

A cidade almejava práticas de modernidade. Modificava sua tessitura, seus hábitos e sociabilidades. Nesse contexto histórico, o museu se ocuparia da saudade, do tempo passado. Seria o lugar destinado ao “fazer lembrar” das coisas rurais, da roça e contaria às gerações futuras, através de objetos que resgatassem memórias anteriormente selecionadas por seus intelectuais fundadores, a história de uma cidade distante, de uma região representada e lida por sertaneja. História essa, que seria contada através do ofício dos historiadores, com base no que foi escolhido e organizado pelo Lions Clube junto à reitoria da universidade entre os anos de 1977 e 1978 para composição do mais recente espaço museal em discussão.

Empenhado na defesa dos bens culturais que seriam solapados pela pretensa modernidade que assolava e movimentava a cidade de Feira de Santana, Raimundo Gama, presidente de Lions Clube, planejou e divulgou o museu que seria construído no ano seguinte a 1977. Mesmo antes de sua concretização enquanto *lugar memória* (NORA, 1993: 21) que resguardaria uma suposta “*cultura popular de identidade sertaneja*”, o discurso sobre a construção da Casa do Sertão já preenchia as páginas de alguns jornais que circulavam na cidade e na capital da Bahia. Entre os jornais locais, destacavam-se o jornal Feira Hoje e Folha do Norte, já na cidade de Salvador, o jornal A Tarde foi o responsável por apresentar o projeto do museu.

Na conjuntura da divulgação, Anchyêta Nery² estrategicamente anunciou a Casa do Sertão para a sociedade feirense, argumentando a sua necessidade da seguinte forma:

¹ Graduado em Licenciatura em História – UEFS. Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – UNEB – CAMPUS V. Bolsista CAPES.



*A casa do sertão aí está. Não, ainda não está pronta. Mas já possui vida. E vida palpitante, vibrante, corajosa. Como um embrião, que a mãe sente-o palpitar e tem a certeza de que nascerá forte. É apenas uma questão de tempo, para que as células se formem com firmeza de uma estirpe biológica bem estruturada.*³

Seis meses antes de sua concretização, o museu já se fazia vivo frente às discussões intelectuais de seus idealizadores. Conforme palavras de Anchyêta Nery, impressas no Jornal Feira Hoje de dezembro de 1977. A Casa do Sertão já era um embrião que vinha sendo gestado desde 28 de julho de 1977, quando Raimundo Gama enviou correspondência a então Fundação Universidade Estadual de Feira de Santana solicitando permissão para iniciar a construção do Museu em seu terreno e obteve o apoio do então reitor Geraldo Leite, como também de outros nomes que se destacavam no cenário urbano da cidade de Feira de Santana, a exemplo do Monsenhor Renato de Andrade Galvão, representante da Igreja Católica na cidade, que posteriormente teve o seu nome associado ao próprio espaço museal através da criação da Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, a qual seria responsável pela organização e disposição do acervo documental e bibliográfico que estaria disponível no museu para a pesquisa.

*Às quinze horas e quinze minutos do dia primeiro de fevereiro de hum mil novecentos e setenta e oito, na Sala de Reuniões do Módulo Administrativo da Primeira Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão, no campus Universitário, reuniu-se o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Feira de Santana, sob a Presidência do Conselheiro Geraldo Leite. Presentes os Conselheiros José Maria Nunes Marques, Raimundo Gonçalves Gama, Edivaldo Machado Boaventura, Renato de Andrade Galvão, Dival da Silva Pitombo. Verificado o quórum, foi declarado abertura a sessão não havendo leitura da ata da reunião anterior. Passando o expediente, foram postas a disposição dos Conselheiros para consultas as pastas das correspondências expedidas e recebidas. Dentre as correspondências recebidas destacou-se a do Presidente do Lions Clube de Feira de Santana, Raimundo Gonçalves Gama, solicitando à Fundação, autorização para iniciar os trabalhos de Construção da Casa do Sertão, no próximo dia 10 deste, tendo em vista a proposta do Lions Clube de Feira de Santana, apresentada na 121ª Reunião Extraordinária do Conselho Diretor desta Fundação em 28 de julho de 1977, em terrenos do Campus da Universidade, comprometendo-se a celebrar na oportunidade e na forma estabelecida pelo Conselho da FUFES, sendo pontos principais a incorporação do imóvel ao patrimônio da Fundação e a manutenção da “Casa do Sertão” pela própria Universidade com acompanhamento e participação do Lions Clube de Feira de Santana na forma que se estabelecer.*⁴

² Escritor do Jornal A Tarde.

³ **FOLHA DO NORTE**. Feira de Santana. 20 dez 1977. Clipping Jornal Folha do Norte 1977-1978

⁴ Ata de reunião data de 10 de maio de 1978 – Cartório do segundo ofício. Ato da 79ª Reunião ordinária do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Feira de Santana. p. 1 e 2. Arquivo Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão – Museu Casa do Sertão.

Entendendo a cidade enquanto espaço, lugar praticado, Michel de Certeau, nos propõe a partir de uma discussão baseada em questões e problemáticas presentes no cotidiano, a perceber as nuances da cidade, as modificações que esta sofria ao longo do tempo, como também as práticas e sociabilidades que a compunham. A cidade de Feira de Santana da década de 70 dialogava com a ideia de que o espaço compõe-se pelo cruzamento de móveis que se relacionavam com o conjunto de movimentos desdobrados na urbe, propiciando novos hábitos e práticas culturais, sendo a cidade “o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam” (CERTEAU, 1994: 202). Se a cidade era o lugar praticado, a Casa do Sertão, a partir de sua fundação compor-se-ia também em espaço, quando se relacionasse com o público fluente da cidade através das visitas ao seu acervo e da iniciativa de visitantes e pesquisadores que frequentariam a sua biblioteca setorial.

O museu representaria para a cidade uma disputa intelectual balizada entre memórias e esquecimentos, quando pensado conforme “lugar de memória” (NORA, 1993, p.21), que se comporia de elementos culturais sertanejos e populares, os quais considerados tradicionais resguardariam em seu conjunto a história de um passado que não se restringisse tão somente ao aristocrático e rural dentro da perspectiva de tradicional e moderno, antigo e novo na cidade em processo de “modernização” (OLIVEIRA, 2008, p.26).

Se o sertão não é mais o mesmo,

Hoje tem luz e motor

No fabrico da farinha.

Se faz roça com trator.

As estradas tem asfalto.

Cortam todo o interior.

Esse progresso moderno,

Que bota os bois confinados,

A fazenda com mais pastos

E com arame cercados,

Faz do campo uma indústria

E os bens racionalizados.⁵

⁵ NORDESTINO, Franklin Maxado e RAMOS, João Crispim. **Feira de Santana tem a sua Casa do Sertão na UEFS**. 2 ed. Museu Casa do Sertão – UEFS. Feira de Santana, 2003. p.03

Os versos de cordel de Franklin Maxado Nordeste demonstram que a Feira de Santana, de tempos de outrora, encontrava-se embalada por ondas modernizadoras, anunciando uma pretensa urbanização pautada pela comercialização, consubstanciada ainda pela implantação do Pólo Industrial Subaé, que na década de 1960 através da interiorização da industrialização no país, introduziu uma lógica desenvolvimentista em algumas cidades do interior nordestino, incluindo Feira de Santana.

Neste contexto, o mesmo folheto de cordel que apontava às mudanças que ocorriam e modificavam a organização da vida social e econômica da urbe, fora utilizado pelo Lions Clube de Feira de Santana enquanto ferramenta de comercialização para arrecadação de fundos que vislumbravam a construção do mais recente espaço museal, o qual seria responsável por resguardar determinadas memórias, que selecionadas por intelectuais aptos a esta atividade, comporiam as salas de visitação do museu, especialmente quando:

*Os jovens precisam
Conhecer a nossa História.
Todo o povo ter exemplos
E cultuar sua memória,
Não esquecendo o passado
E, dos antigos, a glória.⁶*

As rimas apontam para a preocupação com uma região denominada sertaneja que não seria mais a mesma, ou que para os seus idealizadores propensos às modernidades, evidenciavam rupturas, que comprometiam a história e a memória da cidade. As quais, seriam salvaguardadas em escaninhos no museu que foi pensado e projetado pelo presidente do Lions Clube de Feira de Santana, Raimundo Gama, que naquele tempo era também professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Neste quesito, a fonte impressa legitimou a ideia de que práticas culturais entendidas por populares e sertanejas sofreriam não apenas o silenciamento em contraposição às práticas urbanas, mas o seu apagamento. As referências de uma cultura rural, da poeira das estradas de boi, dos objetos de barro e madeira, se restringiriam em pouco tempo à exposição na Casa do Sertão.

⁶ Ibid,p.03



De acordo com Ana Oliveira, a Feira de Santana de meados do século XX estava em um “processo de consolidação da identidade de cidade civilizada, comercial e moderna”, quando entre 1977 e 1978 as elites intelectuais e políticas pensaram a modernização de seu cotidiano. A proposta urbanizadora, civilizada e moderna dos âmbitos sociais e econômicos buscou excluir do tecido urbano alguns entraves rurais e tradicionais que persistiam. Feira de Santana almejava política e economicamente o foros de capital sertaneja, desde que na década de 1960 a implantação do Centro Industrial Subaé (CIS) e a dinamização das práticas comerciais atraíram parte da população rural para as zonas periféricas da cidade transformando o trabalhador rural em industriário cidadão. Acreditava-se que em pequeno espaço de tempo o sertão de antigamente seria solapado, compondo-se em peças de museu, o qual deveria:

Constituir-se em um centro de estudo e pesquisa para aqueles que desejassem conhecer os traços culturais da região nordestina; preservar a cultura sertaneja mantendo um acervo de objetos usados desde utensílios domésticos a instrumentos de trabalho; manter um biblioteca específica de Literatura de Cordel e sobre cultura popular sertaneja; manter uma discoteca contendo discos e fitas de cantorias e histórias acerca do sertão; tornar-se um centro de atração turística.⁷

A cidade comercial e entreposto rodoviário compunham-se pela circulação de saberes e fazeres culturais, ora afeitos pelas modernidades, ora carregadas de um ar supostamente bucólico, relacionado principalmente ao modo de vender produtos agrícolas e artesanais na Feira Livre, prática que colocava no centro da cidade a disputa entre o antigo e o novo. O folder de divulgação do museu, intitulado “*O que é a Casa do Sertão*”, apontava para os avanços induzidos pelo hábito moderno, pela interiorização da modernização, baseada nos “serviços de DDD e DDI, na instalação da universidade, na duplicação da BR 324, nos reflexos do funcionamento do Polo Petroquímico”⁸. Esses foram os fatores elencados pelo Lions Clube para afirmar que em breve Feira de Santana, se tornaria uma capital sertaneja localizada na “Porta do Sertão” baiano e brasileiro. E já que a urbanização transformaria a cidade em capital sertaneja, o museu, compor-se-ia pela lembrança de outra Feira, pois conforme o documento analisado: A Casa do Sertão constará de: uma sala para exposição do acervo. Uma biblioteca. Uma discoteca. Uma sala para exposição de pinturas, fotos, cerâmica e outras manifestações artísticas vinculadas ao sertão. Uma sala para administração.⁹

⁷ **O que é a Casa do Sertão.** Lions Clube de Feira de Santana, 1977.

⁸ **O que é a Casa do Sertão.** Lions Clube de Feira de Santana, 1977.

⁹ Idem, *ibidem*.



O museu seria o lugar de memória que organizaria a ruína do sertanejo, aquele que não cabia na cidade. Que exporia o que não acompanhou a prática da modernidade em determinado tempo e espaço, criando uma noção de hegemonia do moderno sob o tradicional e que, portanto deveria ser apagado ou silenciado dos lugares de poder, dos centros comerciais, pois a cidade precisava caminhar para um futuro promissor. O museu, depois de inaugurado, exerceria com a cidade um diálogo ancorado a um outro dia, a vozes que haviam sido silenciadas e propositadamente extintas pelas diretrizes políticas que organizavam a vida na cidade em estudo. O popular e o sertanejo a serem expostos no museu não correspondiam às demandas das elites urbanas de Feira de Santana, como não falavam do mesmo lugar social que os membros do Lions Clube representados por Raimundo Gama.

O Museu casa do Sertão, quando inaugurado em 1978, constituiu-se de um *lugar memória* onde o popular esteve associado “ao natural, ao verdadeiro, ao ingênuo, ao espontâneo, a infância” (CERTEAU, 1995: 63) quando esse mesmo popular foi o que não era elite, o que não ostentava ao jeito moderno de ser na cidade.

Através da leitura de Ortiz é possível perceber que ao invés de se pensar em uma cultura popular, devia-se falar em culturas populares, fator que não se restringe a uma ideia do que seja esse popular que revisitado por intelectuais expressou uma determinada unanimidade quando pensado por movimentos ditos populares, pois:

Os movimentos populares não coincidem com as expressões populares. Na realidade eles agem como filtro, privilegiando alguns aspectos da cultura mas esquecendo outros. A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em ultima instancia são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. Os intelectuais tem nesse processo o papel relevante, pois são eles os artífices desse jogo de construção simbólica. (ORTIZ, 1994: 173)

Durval Muniz, ao pensar os discursos que inventaram o Nordeste logo no início do século XX, nos aponta “as variações de clima, de vegetação, de composição étnico racial” para explicar as diferenças de hábitos, costumes, práticas sociais e políticas para consolidação do regionalismo brasileiro. Como também para nos levar a pensar os discursos que produziram as divisões regionais do país, tendo por base as noções anteriores que na literatura e nas artes legitimavam enunciados de um Norte atrasado e um Sul tecnológico, supostamente avançado. Nesse sentido, a relação Museu Casa do Sertão e identidade sertaneja inseriu – se nas discussões sobre a memória da cidade de Feira de Santana sob a lógica de um discurso jornalístico e intelectual que precedeu a prática, ou melhor, anterior à fundação do próprio



museu, conforme apontou o Jornal A Tarde, em manchete intitulada “O Museu Vai Salvar o Sertão Antes que ele acabe”:

Não resta dúvida que a sociedade tecnológica e de consumo está absorvendo o artesanato. Muito em breve ninguém sequer vai ouvir falar em colher de pau, gamela, pilão, porrão, fogareiro de ferro e outras coisas. Porque até mesmo o sertão está sendo invadido pelos eletrodomésticos. Os objetos utilitários de cerâmica serão, muito em breve, apenas peças de museu. Isto é o que pensa o Lions Clube de Feira de Santana.¹⁰

Se o museu seria o lugar de salvaguarda de uma cultura tradicional do sertão, a sua organicidade deveria se respaldar em uma reação à ameaça da dissolução, defesa do “passado em crise” (JÚNIOR, 2009: 90), baseado em um discurso de identidade regional e local. Neste sentido, é possível discutir e problematizar o acervo que compõem a Casa do Sertão enquanto indicadores da construção de um “documento/monumento” (LE GOFF, 1966: 462), alçado por fragmentos de um “passado rural e pré-capitalista”(JÚNIOR, 2009: 90), através de uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da “verdade da terra” (JÚNIOR, 2009: 90), em Feira, “verdade dita sertaneja”. Diante desta necessidade de se guardar para o amanhã, nota-se que a construção do espaço museal evidenciou-se:

Através de vários debates em Assembléia Geral todo o quadro social do Lions Clube se mostra entusiasmado com a referida obra. Também por intermédio da imprensa falada e escrita a comunidade já tomou conhecimento, haja visto manifestações de entidades culturais, professores, estudantes e demais classes sociais, com doações e promessas de objetos para o acervo.

No interim dessa discussão, o Lions Clube de Feira, apontou ainda feitos já realizados para a construção do museu, tendo como exemplo a obtenção de um terreno (Campus Universitário), a planta (Projeto de Juraci Dórea e Everaldo Cerqueira), como também as campanhas denominadas leoninas, destacando-se a Campanha Chá-Desfile com arrecadação de Cr\$ 14.800,00(quatorze mil e oitocentos cruzeiros) e o recebimento através de doações de três mil tijolos e blocos cerâmicos e objetos para o acervo com confecção de fichas de doação e slides do acervo doado.¹¹

O museu é filho do moderno, que em seu antagonismo buscou salvar o sertão ao reconfigurar práticas culturais consideradas tradicionais em favor da vivencia moderna, ao expor o caminho de poeira das estradas das boiadas de outros tempos, ao fazer do vaqueiro o principal elemento de identidade sertaneja musealizada . Novidades e saudades relacionam-se quando se constrói o lugar da saudade, o

¹⁰ **JORNAL A TARDE**. Feira de Santana. 16 de junho de 1978. Clipping Jornal A Tarde 1977 – 1978

¹¹ **O que é a Casa do Sertão**. Lions Clube de Feira de Santana, 1977.



lugar da memória demandado da novidade em espaços museais, consolidado pelo novo para ereção de uma urbe moderna. Mudavam-se os tempos e os hábitos, pensava-se a memória. O fazer urbano que “apagava as formas de lembrar-se da cidade ruralizada”(OLIVEIRA, 2011: 261) possibilitariam aos visitantes da Casa do Sertão:

[...] ver os slides de quadros já hoje remotos no próprio sertão, como Mulher Rendeira, Vaquejada, Assador de Castanhas, Plantas para chás, Raspadeira de palha, Menino quebrando ouricuri, Mulher fazendo beiju, Homens Fazendo Casa de Taipa, Mulher torrando café, Mulher Rezando Mau olhado, Cobras e Raízes na cachaça, Remédios caseiros, homens trabalhando na enxada, Bata de feijão, Homem moendo cana, homem ralando mandioca, Homem fazendo cigarro de palha.¹²

O popular corresponderia ao tradicional, ao que não se encaixava no moderno quando “ressoavam antigas maneiras de ver, dizer, agir, sentir contribuindo para a invenção de tradições; construir o novo negando a sua novidade, atribuindo-o uma pretensa continuidade” (JÚNIOR, 2009: 90) um elo entre o presente e o passado(JÚNIOR, 2009: 90). O museu salvaria o sertão das mudanças propostas pela urbanização, e conseqüentemente mudança de hábitos e costumes. Neste sentido, “a saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afastar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos do seu poder serem tragados pelas forças tectônicas da história”. (JÚNIOR, 2009: 78)

Portanto, este texto aponta para questionamentos sobre a representação do Museu Casa do Sertão enquanto lugar de memória da cultura popular e sertaneja ao percebê-lo como produtor de discursos historiográficos em constante formação a partir do projeto de intelectuais que disputam o poder e a memória, especialmente, ao relacionarem-se com a Universidade Estadual de Feira de Santana, seus estudantes e pesquisadores ao possibilitar construções conceituais sobre o popular e o sertanejo, que reinventados pela lógica da modernidade impõem desafios e métodos para a construção discursiva da historiografia local e regional.

¹² JORNAL A TARDE. Feira de Santana. 16 de junho de 1978. Clipping Jornal A Tarde 1977 – 1978



Referências

- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, São Paulo. Papyrus, 1995.
- CERTEAU, Michel. *Relatos do Espaço*. In: A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JULIÃO, Letícia. Apontamentos Sobre a História de do Museu. **Caderno de diretrizes museológicas**, 2006.
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1966.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História**. Projeto História 10. São Paulo, 1993.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Recife, PE, 2008. Originalmente apresentada como tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.
- OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amanhecendo”: urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana 1920-1960**. Brasília, DF, 2011. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2011.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.